**Excerto 1**

Este primeiro trecho refere-se à história de vida do jogador Ramon, que teve passagens em clubes profissionais como o Santa Cruz, o Vasco e o Internacional, nos anos 1970. Ele começou sua carreira atuando por equipes vinculadas à Usina de Açúcar Trapiche, em Sinharém, Pernambuco, na condição de operário-jogador.

*O operário-jogador gozava de regalias relativamente ao trabalhador comum. Ele tinha parte de sua jornada de trabalho colocada à disposição dos jogos e treinos do time da empresa, de uma forma, geralmente, considerada legítima pelos outros trabalhadores, dada a sua finalidade. Em seu relato, Ramon menciona o horário diário dos treinos, assim como as viagens para jogar contra times de outras cidades e ainda se refere ao prestígio que passou a ter como atacante ascendente da equipe, chamado por seu apelido caseiro e afetivo de Neguinho. (...)*

*Passado o período de juventude, em que as regalias e o prestígio de operário-jogador ou jogador-operário terminavam, quando findava a faixa de idade em que ele se mantinha ativo representando o time da empresa no campeonato de futebol das usinas, ou em outras disputas entre clubes, o encanto do operário-jogador se transformava na rotina do trabalho operário não estrategicamente qualificado, e a visão crítica de sua trajetória na usina suplantava o entusiasmo inicial do operário-atleta. É aí que entram em cena a usura e desgaste das jornadas de trabalho e da perspectiva da instabilidade do emprego ou da perda da casa na vila operária quando da aposentadoria. Também participam desta visão crítica os ex-jogadores nativos da própria área que não chegaram a se tornar estratégicos aos times – a ponto de ser contratados como operários estáveis da usina – e que terminaram complementando sua subsistência seja como serventes nas safras da usina e desempregados na entressafra, seja com trabalhos esporádicos na própria manutenção da infraestrutura do clube. Foi de alguns desses jogadores e trabalhadores instáveis, que não chegaram ao estatuto nem de operário fixo nem de jogador titular e, assim, muito menos ao de operário-jogador, de onde provieram formulações fortemente críticas às possibilidades de trajetória dos operários do açúcar consideradas legítimas.*

Fonte: LOPES, José Sérgio Leite. Da usina de açúcar ao topo do mundo do futebol nacional: trajetória de um jogador de origem operária. Cadernos AEL, Campinas, v. 16, n. 28, p. 13-40, 2010, p. 24-25.